

A reacção que se rendeu anteontem na Rotunda ainda não está vencida!

A sua frente de batalha foi novamente transferida para os Bancos, para as grandes empresas comerciais e para as indústrias exploradoras. Foi desalojada das trincheiras do Parque Eduardo VII, mas mantém-se ainda emboscada atraz do balcão onde negocia a pele do Povo e onde realiza operações desastrosas para o país.

O governo, favorecido pelo ambiente popular, subjugou os revoltosos que ameaçavam a Liberdade de armas na mão. Mas não os combateu ainda noutro campo onde são tão perigosos como na Rotunda — não os bateu no campo económico. Os homens da Republica devem ter compreendido que não podem continuar a transigir com a quadrilha de assambradores e ladrões que se entrincheirou na União dos Interesses Económicos. A dura lição destes últimos acontecimentos deve aproveitar aos que se dizem republicanos. E' preciso, para vencer de facto, cortar as garras aduncas com que os exploradores veem impunemente martirizando o Povo.

Consumidores, povo trabalhador, liberais: a batalha não terminou. Pelas armas foi a reacção derrotada mas não o foi nos redutos da exploração, onde o pendão do roubo e do crime ainda se encontra hasteado!

PALAVRAS CLARAS

Nenhuma dúvida há de que o movimento revolucionário que perturbou nos últimos dias a vida do país e que teve a reprovção da sua população trabalhadora, nenhuma simpatia pode inspirar a quem tem aspirações progressivas e um desejo de se libertar da exploração que pesa sobre os trabalhadores e sobre os consumidores, e que se deve às classes parasitárias que pretendiam agora tomar conta do poder. Mas por mais que antipatissemos com o movimento revolucionário dos conservadores, não podemos deixar de reconhecer que uma grande cota de responsabilidade desse movimento se deve a uma parte dos políticos republicanos.

Se foi possível os conservadores tomarem a Rotunda, tendo previamente aliado tropas, é porque os governos da Republica lhes prepararam a atmosfera própria para o poderem fazer. Em vez de mostrarem uma natural inclinação pelo povo, acompanhando-o e apoiando-o nas suas justas reclamações, a maioria dos políticos republicanos têm transigido com a direita.

Quando um governo pretendeu colocar-se ao lado do povo, logo por parte da maioria parlamentar se formou a oposição que o havia de deitar a terra. E desde então, a política republicana tem sido de hesitações, característica, sem se defi-

nir perante as grandes reclamações de actualidade.

Marca-se em toda a parte uma acentuada tendência para a esquerda. Aqui é o que se está a ver: há um partido democrático, que é a maior força organizada da Republica, que ainda nem sequer sabe se é um partido da esquerda ou da direita e que no congresso que ia realizar não sabia bem ao certo a a atitude que devia tomar, havendo quem defendesse a da neutralidade, como se isso fosse possível em face da situação actual.

Tudo isto é que preparou a atmosfera aos conservadores. Estas indecisões, estas transigências com a direita, deram-lhes a impressão de fraqueza, de impotência e animaram-nos a lançar-se num movimento armado. Se a Republica marchasse num outro caminho, se se inclinasse abertamente para as classes populares, se tratasse a sério da sua instrução, da sua higiene, evitasse a exploração do comerciante e do industrial, e não andasse de mãos dadas com essa gente, nunca seria possível a preparação do golpe de Estado que se tentou.

Que os republicanos reflitam um pouco nestes factos, se acaso são susceptíveis de se arrependerem e de se resolverem a mudar de atitude.

A Confederação Geral do Trabalho

Alheada de acordos ou combinações políticas, procura defender a causa dos trabalhadores

O Diário da Tarde, que ontem se publicou, sob a direcção do sr. Vitor Falcão e que tem agora, como secretário de redacção, o nosso camarada Julião Quintinha, inseriu uma entrevista que, por ser de interesse operário, nos permitimos transcrever:

«Como é do conhecimento público, na repressão dos acontecimentos revolucionários, que acabamos de presenciar, a Confederação Geral do Trabalho marcou um papel de assinalada importância, não só por ser o organismo representativo da maior força organizada, como pela sua decisão formal contra o movimento, e ainda pela serenidade e sensatez de que todos os trabalhadores deram alta prova.

Desde que procuramos ouvir representantes de diversas correntes de opinião, esta naturalidade indicava que registássemos a opinião da C. G. T., escutando alguém que, em seu nome, podesse falar.

Silva Campos, secretário geral daquele organismo operário, não estava, quando o procurámos no respectivo edificio.

Recebemos Gonçalves Vidal, um dos membros do Conselho que, embora pondo relutância a deixar-se entrevistar, consentiu em fazer-nos as declarações seguintes:

— A Confederação Geral do Trabalho, absolutamente afastada de combinações políticas que não estão nos seus princípios e nos seus intentos, tomou, efectivamente, uma deliberação franca e intransigente contra o movimento revolucionário, não só porque ele se apresentava como todos os sinais duma política reacção, que sempre combatemos, como porque as suas consequências de ordem económica deveriam ser as piores para os trabalhadores, dadas as suas relações com as «forças vivas».

— Pensa a C. G. T. em entender-se com

DEPOIS DA VITÓRIA



—Então, Manuel, as «forças vivas» foram derrotadas na Rotunda.
—Sim, mas continuam vencedoras por esse país, gozando bons automóveis e fumando excelentes charutos...

O medo dos ditadores...

Os chefes da revolução tinham um medo pavoroso dos civis, receavam medonhamente uma chacina. Medo pavoroso mas sem razão afirmamos o insuspeito sr. Adriano de Sá. Daí a sua fuga desesperada do acampamento e o terem-se refugiado na legação de Espanha, abandonando a sua sorte os pobres soldados que eles, por meio de ludíbrio e da férrea disciplina militar, tinham arrastado para uma aventura — para a morte.

Fazemos este reparo sobre o medo dos ditadores, sem nenhum cruel propósito. Queremos apenas acentuar que se o movimento tivesse vingado a que perseguições violentas, a que ultrajes sangrentos não ficariam condenados todos os que não são pelos reacçãoários. O medo que não chegaria a aparecer mas que existiria escondido em todos eles; expandir-se-ia nas mais odiosas e sangrentas brutalidades. E os jornais de grande circulação não se cansariam de chamar heróis aos que se encarnariam cruelmente sobre os vencidos — aqueles vencidos que eles tanto temiam... e temerem.

Convém também acentuar que o povo não aproveitou o ambiente revolucionário para assaltar, destruir ou exercer represálias, como os reacçãoários afirmam constituir seu hábito.

Na Penitenciária

Na Penitenciária encontram-se, sob prisão, vários oficiais que tomaram parte na sedição militar, entre eles, quasi todos os oficiais do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, do grupo de metralhadoras, da artilharia de Queluz e o oficial de cavalaria alferes António Eça de Queiroz.

Uma atitude enérgica do director da Penitenciária

No sábado, pelas 15 horas, dez oficiais dos revoltosos acompanhados por soldados armados do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro invadiram a Penitenciária, sem que a guarnição da G. N. R. lhes tivesse oposto resistência.

Os oficiais iam em nome dos revoltosos apoderar-se do telefone da Penitenciária para assim ficarem com um excelente meio de comunicação com os seus cúmplices instalados secretamente em vários pontos da cidade. Surgiu, porém, um obstáculo: junto do telefone daquela cadeia encontrava-se o seu director, o dr. sr. Pires de Carvalho. Os oficiais intimam-no a entregar o telefone. O dr. sr. Pires de Carvalho recusa. Os oficiais puxam a pistola e o director da Penitenciária tem a seguir o mesmo gesto. Trava-se discussão e os oficiais saem, desistindo do seu intento. O telefone passou depois a funcionar, informando devidamente o governo do que se desenrolava no campo dos revoltosos.

OS MARINHEIROS

Os revoltosos contaram ver-se livres dos marinheiros que são inimigos fegados dos reacçãoários, devido a quasi todos os navios de guerra estarem afastados da metrópole, andando, como se sabe, realizando o periplo de Africa.

Mas, não partiram todos... E dos que ficaram, a maioria bateu-se com o seu conhecido denodo. A meio da rua do Salitre, na madrugada de domingo 15, marinheiros comandados por um aspirante atacou, com energia, os revoltosos. Um dos marinheiros

DEPOIS DOS CANHÕES EMUDECEREM

O significado da derrota

O povo já não acredita que a sua salvação esteja no chicote dum amo

Eu não sei combater um vencido, minha pena nega-se a transformar-se em espada para trespassar o coração do fracasso.

Ante um homem em cuja frente a derrota gravou seus signos, eu só posso tomar uma atitude de silêncio e de olvido.

Eu tenho pelo meu adversário derrotado, um sentimento romântico — e isto porque não compreendo uma luta com sombras, com espectros. Mas há verdades que só as derrotas revelam aos espiritos obstinados...

Eu não sei também defender a liberdade concedida pelas instituições até hoje praticadas e por muitas outras que até agora estão apenas em estatuto... Eu só anseio e defendo uma liberdade ilimitada, suprema, absoluta. Uma liberdade que não tenha códigos, não tenha restrições e não esteja à mercê da vontade dum homem ou dos regulamentos duma instituição. Eu faço uma ideia mui elevada da Liberdade, para afrontá-la, concebendo que se lhe possa levantar qualquer muralha.

E todavia eu senti-me jubiloso ao saber que havia triunfado, sob o sol matutino do domingo primaveril, essa liberdade almejada, essa máscara da liberdade que os detentores do poder, num gesto de senhores onipotentes, nos permitem usar.

E senti-me também jubiloso porque tivessem sido derrotados, reduzidos à impotência, vencidos esses apóstolos negros do conservantismo que tentaram fazer de Portugal um grande redil.

Eles não queriam libertar a Liberdade das algemas que lhe colocaram os seus adversários. Eles queriam suprimi-la totalmente, completamente.

Eles queriam que o país recuasse, que as ideias novas se encarcerassem — queriam que no peito de cada homem se acendessem lampadas votivas à opressão. Queriam ampliar e intensificar a obra de seus próprios adversários, já por si constituíam elementos da escravidão em que vive o povo e do poderio da Finança.

A derrota destes legionários da Tirania, constitui um exemplo, uma bela lição — não pelo triunfo do governo mas pelo alvorço da alma popular.

Eles poderiam mesmo vencer — mas seria

uma vitória efêmera, cuja cabeça o povo decapitaria, transformando-a em breve em vitória de Samotiaca...

Só os paquidermes do Passado, com o dorso carregado de ouro e de pó não poderão compreender, porque lhes falta mentalidade para isso, esta verdade.

A hora presente não se marca já nos relógios dos tiranos — ao contrário ela prepara-se para soar no pórtico da libertação.

E podem os cortesãos da Tirania gritar, clamar incessantemente, que a salvação da nacionalidade está na opressão colectiva. O povo já os não acredita. O povo principia a desdenhar as nacionalidades, certo que elas são um engodo, uma fonte de sangue marim. O povo não pode já acreditar nessa trágica ironia que é a salvação colectiva depender do chicote dum amo.

E aqueles que pegam em armas para dar a essa ironia o carácter duma sentença, mentem ao povo e mentem a si próprios, se a tanto pode chegar a fatalidade de certas ilusões.

Uma revolução que tem por escudo a ditadura, o regresso ao obscurantismo, só pode ser feita, embora, em caso paradoxal, contra os intuitos dos seus dirigentes, para defender a Finança, para defender «os que têm que perder»...

E estes são os eternos inimigos do povo. Inimigos vorazes — milenários inimigos que remontaram as cabeceiras de todos os séculos. E é preciso que o coração das vítimas possua incomensuráveis caudais de resignação, para os não ter exterminado ainda.

Mas a lava da emancipação vai queimando-os já, vai já envolvendo-os num cerco lento, mas irremediável, inexorável.

Eles sentem isso e procuram resistir — espalhando argumentos tendentes a justificar essa vã esperança de salvamento, que seria a Opressão. Mas o povo compreende o sofisma e não se deixa já oprimir.

Se a burguesia fôsse inteligente, se os apóstolos da Força não estivessem obsecados, teriam com a derrota de agora a oportunidade de curvar a cabeça e meditar, e meditar...

Ferreira de Castro.

O sr. Teixeira Gomes e o general Sinel de Cordes

Uma resposta significativa

A história dos acontecimentos, feita febrilmente, pelos jornais, enquanto o canhão reboava pela cidade e as metralhadoras matraqueavam em seu impertinente ruído, teve o inevitável inconveniente de passar de leve sobre episódios interessantes. Isto dizemos para que os leitores não extraiam nossas referências a factos já relatados por nós em dias anteriores.

A atitude do chefe de Estado assinala-mo-la nós quando surgiu na rua o primeiro número de A Batalha que noticiava o fatídico golpe de mão dos reacçãoários. Resta agora pormenorizá-la.

O sr. Teixeira Gomes quando compareceu no quartel do Carmo — uma hora depois de ter estalado o golpe militar — já com a disposição que manifestou de correr a sorte do governo, ficando com ele, no quartel do Carmo, até a insurreição ser debelada ou sair vitoriosa. Depois de muito instado é que resolveu abandonar aquele quartel.

Deu-se, porém, antes da sua retirada, uma scena curiosa. O general Sinel de Cordes, um dos oficiais superiores que tomaram parte na reacção conjura, foi ao quar-

Lede o Suolemento de «A Batalha»

COMO SE CONSEGUIU CELEBRIDADE...

A verdade acerca da prisão de Cunha Leal

"A Batalha" entrevista um secretário do presidente do ministério que o capturou

O Café Itália oferecia ontem à tarde o aspecto dum grande cenáculo. Anarquistas, cegetistas, partidários da I. S. V., comunistas e republicanos esquerdistas, discutiam animadamente os últimos acontecimentos.

Entre os circunstantes depara-se-nos o sr. Adalberto Claro, secretário do presidente do ministério e um dos captivos de Cunha Leal.

Momento excelente para restabelecer a verdade sobre a prisão do defensor da pena de morte, da qual o *Diário de Lisboa* se fez eco em termos menos verdadeiros.

Declinada a nossa identidade, arriscamos a seguinte pergunta:

—Pode informar *A Batalha* da verdade sobre a prisão do sr. Cunha Leal?

—Só em entrevista poder restabelecer a verdade—diz-nos o sr. Claro.

—Perfeitamente, em entrevista—disse-nos.

E o sr. Claro narra da forma que segue como foi preso o valente do 19 de Outubro:

—O sr. governador civil, quando foi informado do movimento ordenou, pelo telefone do próprio quartel do Carmo, para a 17.ª esquadra, que fossem destacados os guardas em número suficiente para prender o sr. Cunha Leal.

—E foram cumpridas essas ordens?

—Não! Julguei que podia prestar um serviço oferecendo o meu préstimo.

—Declaro que me dispunha a desempenhar essa missão. Convidei então o tenente sr. Godinho Cabral, a acompanhá-lo-me.

Uma pausa cortou a interessante exposição do nosso entrevistado. Depois, diz:

—Por um jornalista do *Diário do Povo*, o sr. Vergílio Marques, fui garantido que Cunha Leal, às 8 horas da manhã, tinha estado no acampamento dos revoltosos acompanhado do sr. Alvaro Machado, chefe de repartição do ministério do Comércio.

—E a que horas se realizou a prisão?

—Deixei-me contar-lhes os seus pormenores, para verificar a parcialidade do *Diário de Lisboa*, responde-nos o nosso interlocutor.

—Eu e o senhor Godinho Cabral, apenas, dirigimo-nos para a avenida da República em automóvel. Eram 9,30 minutos quando chegamos à residência de Cunha Leal.

—Inquirimos do porteiro se estava quem procurávamos e a resposta não nos satisfez. Decidimo-nos a esperar.

—Passados alguns minutos dois vultos saem da escada (vigilada e dirigem-se para uns terrenos anexos à companhia dos electricos entre o Arco do Cego e Campo Pequeno).

—Mandei o *chauffeur* largar a toda a velocidade para os alcançar.

—E evadiram-se?—fizemos.

—Não era possível! Estava ali disposto a trazer Cunha Leal morto ou vivo. Garanti que o prenderia, e prendi!

—Só se as seis balas da minha pistola me atacassem!

—Mas retemos, diz-nos o sr. Claro.

—Corremos em perseguição do sr. Cunha Leal, e já nos referidos terrenos travou-se entre nós e aquele o seguinte diálogo:

—Senhor capitão, faz-nos um favor!

—Que pretendem de mim?

—Vimos em nome do governo convidá-lo a acompanhá-lo ao quartel do Carmo.

—Eu sou capitão do exército—concluiu o sr. Cunha Leal.

Então o meu colega invocou a sua qualidade de tenente e aquele senhor acedeu ao nosso convite.

—Mas onde está o acto de valentia do autor da pena de morte?—inquirimos.

—E para que o meu amigo veja como o *Diário de Lisboa* faltou à verdade.

—E a viagem como se fez?

—Quando estavam já no carro, o sr. Cunha Leal quiz entregar-me a sua pistola.

—Respondi-lhe que guardasse a arma, porque eu também tinha uma igual.

—Avancamos sobre o quartel do Carmo sem novidade; o nosso preso sentado ao lado do sr. Godinho Cabral e eu à frente, ao lado do *chauffeur*.

—Mas houve algum incidente à entrada do quartel do Carmo?—preguntámos.

—Sem importância de registo.

—Apenas o *Diário de Lisboa* deu vulto para exaltar a valentia de Cunha Leal.

—Mas eu vou explicar-lhe o que houve: Quando chegamos ao Carmo, a sentinela precipitou-se e não consentia que nós entrássemos. Procurava obedecer apenas às ordens que tinha.

—Foi neste momento que Cunha Leal disse:

—Nesses casos vou-me embora, porque não estou aqui de vontade.

As vítimas dos acontecimentos revolucionários

Os feridos em estado satisfatório, à excepção de quatro cujo estado é grave

Dos hospitais civis foi-nos fornecida a nota que segue, relativa ao estado dos feridos:

Os feridos internados nos hospitais civis são em número de 39, sendo 28 no hospital de São José e 11 no de Santa Marta. Encontram-se em estado satisfatório, à excepção de Emília da Piedade Gonçalves, de 19 anos, bordadora, rua Latino Coelho, 38, 4.ª; Jorge Feliciano Alfaia de Gouveia, 38 anos, pintor, travessa das Parreiras, 1, 1.ª; Augusto Silveira, 67 anos, vendilhão, natural de Tomar, rua de S. Miguel, 11, loja; Joaquim Domingues, de 23 anos, polícia 361, Castanheira de Pera, largo de S. Miguel, 12, 1.ª, que se acham em estado grave, na enfermaria provisória do hospital de São José.

—No hospital de Santa Marta, também deram entrada e recolheram à enfermaria C 1 A B, mais os seguintes feridos no Parque Eduardo VII: João da Silva, 20 anos, soldado 178 do Grupo de Metralhadoras, Quartel em Campolide; Francisco Inácio, soldado 69 da 2.ª bateria de metralhadoras de Campolide; Manuel Alexandre, de 21 anos, soldado da 3.ª bateria do 1.º grupo de metralhadoras, Campolide; Abel Pereira, servente, rua dos Corvos, 4. O tenente coronel Malheiro foi ontem transferido da enfermaria de São Francisco para os quartos particulares.

—Da enfermaria provisória saíram ontem com alta o polícia 838 Alfredo Diogo Amorim, que no dia 18 último foi atingido por estilhaços de bomba na rua dos Bacalhoados.

Os mortos

Além do número de mortos que já referimos, faleceu no hospital de Santa Marta, pouco depois de ali ter dado entrada, Miguel Agostinho, soldado condutor de metralhadoras de Campolide.

No hospital de Santa Marta, foi ontem reconhecido aquele soldado do Grupo de Metralhadoras, cujo nome se ignorava, chamava-se Manuel Pinto Soares de Mota Portugal, natural do Pôrto e era soldado n.º 51 de Sapadores dos Caminhos de Ferro, o qual faleceu ontem na enfermaria C 1 A B. Também deram entrada no hospital de Santa Marta, dois indivíduos mortos cuja identidade se desconhece, sabendo-se apenas que se chamam António Gonçalves Dias e Joaquim dos Santos, cujos cadáveres foram removidos para a Casa Mortuária daquele hospital.

O presidente da República visita os feridos

O presidente da República acompanhado do seu secretário sr. Atlas, o presidente do governo e o seu secretário, Silveira Fernandes, secretário do ministério das Colónias em nome deste senhor, comandante interino da G. N. R. e o seu ajudante, o comandante do batalhão 1 da G. N. R. visitaram ontem os feridos internados no hospital de São José, sendo acompanhados nas suas visitas pelo director geral dos hospitais dr. João Pais de Vasconcelos, dr. Alberto Mac

Notas várias sobre os acontecimentos revolucionários

O ataque às forças revoltosas foi dirigido pelo general sr. Adriano de Sá, comandante da 1.ª divisão militar, que estava instalado no quartel do Carmo. Consistiu em realizar primeiro um fogo vivo de artilharia que assustasse e intimidasse os da Rotunda. Findo esse bombardeio as tropas do governo foram avançando afim de encerrarem os revoltosos, reduzindo-lhe continuamente o espaço que ocupavam.

Ante-ontem foram detidos, sob a acusação de terem transgredido o edital sobre o estado de sítio, 500 pessoas, que, julgadas no tribunal das transgressões, foram condenadas a 20\$00 de multa, cada.

A's duas horas da madrugada de ontem, um «camion» com policias quando descia a rua do Alecrim, já próximo da praça do Duque da Terceira, disparou-se uma das espingardas. As sentinelas do Arsenal de Marinha alarmaram-se e responderam com vários tiros. Houve correrias, socegando tudo quando se esclareceu o incidente que motivou a balbúrdia.

Procurou-nos o sr. Alfredo Augusto Gomes que nos informou ter feito parte da coluna mista que apreendeu o armamento aos revoltosos.

Disse-nos que a bandeira por ele apreendida era republicana, não merecendo a especulação feita por alguns jornais em seu redor.

Foi nomeado comandante das forças navais srtas no Tejo, o contra-almirante sr. Macedo e Couto.

Foi pelo ministro das Colónias telegrafado para todos os governos das colónias comunicando-lhes os últimos acontecimentos e a vitória do governo, e em resposta a este telegrama já recebeu um do governador de Macau felicitando o governo pelo seu triunfo.

Estão presos no governo civil 7 policias da esquadra das Picóas por não terem comparecido depois de lhes ser dada a ordem de prevenção.

O filho de Sidónio Pais, que é oficial do exército, recusou-se a aderir ao movimento apesar de nele terem participado muitos dos amigos politicos de seu pai.

E' publicado hoje o decreto dissolvendo o 1.º Grupo de Metralhadoras Pesadas, Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro, Grupo de Baterias de Artilharia a Cavalo e Batalhão de Telegrafistas de Campanha.

Vai ser exonerado de reitor da Universidade de Coimbra o sr. Cunha Leal.

O chefe da revolta dos kurdos condenado à fôrca

CONSTANTINOPLE, 20.—O Sheik Said chefe da revolução kurda, foi condenado à morte, devendo ser conduzido a Angora onde será enforcado.—(R.)

Para se avaliar do estado de espirito da população em face dos propósitos dos con-

Bride, dr. Luís Ottolini, fiscal geral José Simões e o fiscal Lourenço da Costa.

A identificação dos cadáveres

Na Morgue foram hontem reconhecidos seis dos cadáveres dos últimos acontecimentos, faltando portanto identificar o de um soldado de Metralhadoras.

Os reconhecidos são: Rosa Machado, de 24 anos, natural de Braga, casada, e residente na Avenida António Maria de Aguiar, António da Silva, de 74 anos, funileiro da Companhia do Gaz, natural de Chaves, e residia na rua de Campolide, que foi morto com um tiro por uma vedeta na rua do Arco do Carvalhão; José de Almeida, de 62 anos, exoteiro, natural de Famalicão, e que residia no Póço do Borratim, 15, 4.ª, onde foi atingido por estilhaços de granada; um soldado n.º 224 da 2.ª bateria do grupo a cavalo de Queluz, cujo nome ainda se ignora; Alexandre Abílio Pinto, de 22 anos, natural de Cadelas, soldado 86 da 2.ª Bateria de Metralhadoras de Campolide; Filipe Faustino Carlos, de 20 anos, natural da freguesia de Milharado, concelho de Mafra, soldado de Metralhadoras de Campolide.

Cruz de Malta

Nos autos-transportes de feridos desta colectividade, foram conduzidos aos hospitais e tratados nos seus postos, entre outros os seguintes indivíduos:

José Pedro Caetano, ferido com estilhaço no queixo, escadarias Damasceno, Monteloro, 6, rjc; Balbina da Assunção, rua Romão da Silva, 8, 1.ª; José Ribeiro, rua de Campolide, 2, 2.ª, ferido num braço; Armando Simões Loureiro, rua Silva Carvalho, 224, loja, ferido com bala na região frontal; Val do Mar da Silva Vasconcelos, rua Pereira e Sousa, 18, cave; António dos Santos, travessa de São Plácido, 9, 2.º d. to. feridas incisivas na face; José de Sousa, travessa da Pescaria, 41, rjc; Duarte da Silva, rua Particular 4 rua Maria Pia, escorções no pavilhão da orelha esquerda e perna esquerda; 1.º cabo de Sapadores de Caminho de Ferro; Justiniano Ferreira Marques, ferido no braço esquerdo; tenente Serrão, ferido na Rotunda; Manuel Pinto, soldado n.º 84 da 2.ª bateria do grupo a cavalo de Queluz, escorções no joelho da perna esquerda; Abel Pereira, ferido com um tiro na perna esquerda e o soldado n.º 32 da companhia de sapadores de caminhos de ferro com a perna fracturada. Além destes foram conduzidos aos hospitais nos autos da «Cruz de Malta», Joaquim dos Santos, rua do Sol ao Rato, 106, pateo das Oliveiras; António Gonçalves Dias (o António da Varina), rua da Pascoa, Pateo do Leite, apinhado no largo do Rato e finalmente Emília da Piedade Gonçalves, rua Latino Coelho, 38, da «Cruz de Malta» estiveram permanentemente em serviço 2 postos de socorros, o da rua do Sol ao Rato e o da rua da Artilharia n.º 1, 71, local bastante exposto ao fogo das tropas fiéis.

servadores, basta referir que o povo via na vitória das forças concentradas no Parque Eduardo VII, a sua completa derrota.

E para prová-lo transcrevemos o postal que um anónimo nos enviou:

«E' agora ocasião de fazer alguma coisa a favor dos iníquos, contra os senhores; a favor dos pequenos contra os grandes».

Os nacionalistas esperam ir hoje ao parlamento fazer grande alarido sobre os últimos acontecimentos.

Os elementos esquerdistas, segundo nos referiram, dispõem-se a combater ali os maneios dos reacçãoários.

Algumas praças do batalhão de sapadores de Caminhos de Ferro, do qual era comandante Raul Esteves, são elementos ferroviários do Sul e Sueste.

Contaram-nos que estas eternas vítimas foram chamadas para uma Escola de Repetição. Quando verificaram o logro já estavam no Parque Eduardo VII, e resistir era inútil.

Encontrámos ontem o sargento do exército que fez a apreensão das bandeiras monárquicas aos revoltosos. Procurámos entrevistá-lo. Inútil. Nada dizia a propósito dos acontecimentos.

Tinha afirmado ter encontrado três bandeiras do deposto regime e dispunha-se a prová-lo onde fosse conveniente. E eis tudo.

E' absolutamente falso que qualquer navio de guerra tivesse disparado tiros para terra.

Os oficiais superiores presos por causa do movimento revolucionário estão a bordo dos navios de guerra, absolutamente incommunicáveis. O irmão e a esposa do comandante Filomeno da Câmara pediram para o visitar não lhes sendo permitido.

Um dos oficiais presos é o capitão sr. Frederico Vilar, que no Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro se celebrou pelas barbaras agressões que fazia aos soldados, agressões que *A Batalha*, indignadamente, várias vezes verberou.

O capitão-picador sr. António Correia saiu do quartel de Campolide, trajando a paisana, depois da rendição, no intuito de se escapar sendo, porém, reconhecido por um sargento da G. N. R. Dai a sua prisão.

Estão presos no governo civil 7 policias da esquadra das Picóas por não terem comparecido depois de lhes ser dada a ordem de prevenção.

O filho de Sidónio Pais, que é oficial do exército, recusou-se a aderir ao movimento apesar de nele terem participado muitos dos amigos politicos de seu pai.

E' publicado hoje o decreto dissolvendo o 1.º Grupo de Metralhadoras Pesadas, Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro, Grupo de Baterias de Artilharia a Cavalo e Batalhão de Telegrafistas de Campanha.

Vai ser exonerado de reitor da Universidade de Coimbra o sr. Cunha Leal.

O chefe da revolta dos kurdos condenado à fôrca

CONSTANTINOPLE, 20.—O Sheik Said chefe da revolução kurda, foi condenado à morte, devendo ser conduzido a Angora onde será enforcado.—(R.)

Para se avaliar do estado de espirito da população em face dos propósitos dos con-

A policia efectuou prisões

A's 4 horas da manhã foram presos, armados de espingardas, a casa da mãe de José Jorge, e batendo à porta convidavam-nos, com modos de camaradas, a ir para a revolução, pois que ela ainda continuava.

Como lhes dissessem que ele não estava, tentaram arrombar a porta, que depois lhe franquearam. Sendo percorrido a casa e verificado não estar ali José Jorge levaram preso o seu cunhado Augusto Dinis.

Também às 7 horas da manhã 2 cabos acompanhados por 8 policias, armados de carabina, procuraram Luís Ferreira da Silva, servente da C. Civil, na sua residência, rua Saraiva de Carvalho, Vila Campos, tendo revolido toda a casa em busca de hipotéticas armas, levando a sua falta de correcção ao ponto de penetrarem no quarto da mãe de Luís da Silva, quando ela ainda se encontrava deitada.

Depois da desordenada busca foi o Silva levado preso.

No calabouço n.º 6 do governo civil encontram-se Domingos Paiva e Manuel Tavares, também presos ontem.

Foram ainda presos Manuel Soares, na Praça de Luís de Camões, José Soares, manufactor de calçado, Arsenio José Filipe, António Dias, Ernesto Silva, Amadeu das Neves e Joaquim Rôxo, que foram distribuídos por vários calabouços do governo civil.

Na noite de sábado, bem como na de ontem, os grupos civis disseminaram-se pelos pontos mais centrais e estratégicos da cidade, vigilando pela segurança das mais caras franquias ameaçadas. Respirava-se um ambiente pesado de desconfiança e de intranquilidade.

A falta de informações positivas, o curso dos boatos mais desencontrados acerca da marcha vitoriosa ou desastrosa da eclosão revolucionária dos cunhalealistas retrógrados, a arquitectura das mais extravagantes e terroristas hipóteses — tornaram o Pôrto ainda mais nervoso e febricitante. A opinião predominante na maioria dos habitantes contrários a um recuo politico, era a de que o norte não se devia, desta vez, deixar «papar» — termo clássico que teve grande voga. Embora o golpe de Estado vinguisse em Lisboa, o norte não devia acatar as resoluções do sul. No Pôrto e arredores, deviam-se concentrar todos os elementos revolucionários do norte, todos os defensores da liberdade, a fim de resistirem contra a ditadura reacçãoária. Este era o sentir da população civil, que tinha também repercussão em diversos elementos militares.

Grupos de civis preparavam-se para a luta

Na noite de sábado, bem como na de ontem, os grupos civis disseminaram-se pelos pontos mais centrais e estratégicos da cidade, vigilando pela segurança das mais caras franquias ameaçadas. Respirava-se um ambiente pesado de desconfiança e de intranquilidade.

A falta de informações positivas, o curso dos boatos mais desencontrados acerca da marcha vitoriosa ou desastrosa da eclosão revolucionária dos cunhalealistas retrógrados, a arquitectura das mais extravagantes e terroristas hipóteses — tornaram o Pôrto ainda mais nervoso e febricitante. A opinião predominante na maioria dos habitantes contrários a um recuo politico, era a de que o norte não se devia, desta vez, deixar «papar» — termo clássico que teve grande voga. Embora o golpe de Estado vinguisse em Lisboa, o norte não devia acatar as resoluções do sul. No Pôrto e arredores, deviam-se concentrar todos os elementos revolucionários do norte, todos os defensores da liberdade, a fim de resistirem contra a ditadura reacçãoária. Este era o sentir da população civil, que tinha também repercussão em diversos elementos militares.

O "Diário de Lisboa" está impedido de circular

Do dr. sr. Joaquim Manso, director do jornal *O Diário de Lisboa*, recebemos a seguinte carta que nos apressamos a publicar:

«Sr. Director da *Batalha*: Recorro a v. para poder comunicar ao publico que le o *Diário de Lisboa* que este se encontra suspenso, desde ontem. Não formulo qualquer protesto, porque a hora não foi para isso. Desejo, porém, significar que quaisquer boatos que corram acerca da atitude do jornal que dirijo são absurdos e caluniosos. Desde o seu primeiro numero, o *Diário de Lisboa* lutou sempre pela legalidade contra as revoluções. Nunca, quer directa quer indirectamente, favoreceu a mais leve tentativa de desordem. Quem disser o contrario, falta à verdade.

Agradecendo a publicação desta linha, de v. etc. — Joaquim Manso.»

A agitação na Bulgária

Uma explosão que mata 180 pessoas, entre elas 13 generais e 8 coroneis

SOFIA, 20.—A explosão da bomba na Catedral, segundo um comunicado oficial, ocasionou a morte de três deputados, treze generais, oito coroneis, oito altos-dignitários, dezoito mulheres e sete crianças cujos funerais se realizaram no sábado. O numero total de mortos até agora apurados é de 180.

A princesa Eudoxia, irmã do rei Boris, tem passado maior parte do tempo no hospital cuidando dos feridos que são perto de mil. Consta que o sr. Zankoff, chefe do partido democrático, será em breve substituído pelo sr. Malinoff.—(R.)

Prisão de muitos comunistas e proclamação do estado de sítio

SOFIA, 20.—A policia já tem conhecimento de que os principais autores do atentado são o presidente e vice-presidente do comité central comunista. A maior parte dos chefes comunistas foram presos. Foi proclamado o estado de sítio.—(R.)

O governo pretende aumentar a sua milicia

SOFIA, 20.—Em consequência dos últimos acontecimentos o governo búlgaro dirigiu à conferência dos embaixadores um pedido tendente a reforçar o seu efectivo da milicia nacional com 10 mil homens. A conferência pronunciar-se há muito em breve sobre este assunto.—(R.)

O rei Fernando impedido de voltar à Bulgária

SOFIA, 20.—Segundo informações da imprensa viennense o rei Boris pediu a seu pai o ex-rei Fernando, que reside em Coburgo desde que abdicou, que regressasse a Sofia para o coadjuvar na regressão do movimento bolchevista. Embora o tratado não impeça o regresso do rei Fernando o presidente do ministério Zankoff opõe-se terminantemente aos desejos do rei Boris.—(R.)

Eden Teatro

Empresa Conceição Silva, Lda.

HOJE, às 20,45 em RECITA DA MODA

ESTREIS da 1.ª bailarina dos Teatros ex-imperial de Moscova e da Opera de Odessa HELENE TYPOL e do prodigioso bailarino LEWIDOFF

ampliando a admiração "TROUPE" RUSSA ELTZOFF

na notável bailarina DINA TEBER, as 4 OIRAS e todas as outras atrações

TEATRO NACIONAL

Telefone Norte 3049

HOJE A linda e interessante peça

DO ROMANÇO CONSTANTINO

em que o protagonista Chaby Pinheiro

Brilhantissimos scenários e artística mise-en-scene

TEATRO NACIONAL

Telefone Norte 3049

HOJE A linda e interessante peça

DO ROMANÇO CONSTANTINO

ULTIMAS NOTICIAS

No Pôrto pensava-se em resistir à ditadura caso ela triunfasse em Lisboa

PORTO, 20.—A notícia da revolução militar conservadora estalada na capital, desenvolveu entre nós um movimento de curiosidade e de sobressalto.

Os placards, contraditórios, eram avidamente lidos pelos grupos de populares que se acotovelavam ansiosos por notícias concretas.

Um placard de *O Comércio do Pôrto* chegou a dar como triunfante a insurreição ditatorial, notando-se entre a população sinais de visível contrariedade. Um outro placard, porém, da mesma procedência contradisse a informação do anterior: em todos os espiritos reflectiu-se, então, um raio de esperança.

Pelas paredes, principiavam a aparecer convites apressados para os filiados nos diversos grupos de defesa republicana comparecerem nas suas sedes e deliberarem sobre a acção conjunta a desenvolver-se. Foi também afixada uma proclamação impressa e em nome de um *Comité*, na qual se aconselhava o povo a armar-se e a revoltar-se contra os inimigos do regime e da liberdade.

Grupos de civis preparavam-se para a luta

Na noite de sábado, bem como na de ontem, os grupos civis disseminaram-se pelos pontos mais centrais e estratégicos da cidade, vigilando pela segurança das mais caras franquias ameaçadas. Respirava-se um ambiente pesado de desconfiança e de intranquilidade.

A falta de informações positivas, o curso dos boatos mais desencontrados acerca da marcha vitoriosa ou desastrosa da eclosão revolucionária dos cunhalealistas retrógrados, a arquitectura das mais extravagantes e terroristas hipóteses — tornaram o Pôrto ainda mais nervoso e febricitante. A opinião predominante na maioria dos habitantes contrários a um recuo politico, era a de que o norte não se devia, desta vez, deixar «papar» — termo clássico que teve grande voga. Embora o golpe de Estado vinguisse em Lisboa, o norte não devia acatar as resoluções do sul. No Pôrto e arredores, deviam-se concentrar todos os elementos revolucionários do norte, todos os defensores da liberdade, a fim de resistirem contra a ditadura reacçãoária. Este era o sentir da população civil, que tinha também repercussão em diversos elementos militares.

Grupos de civis preparavam-se para a luta

Na noite de sábado, bem como na de ontem, os grupos civis disseminaram-se pelos pontos mais centrais e estratégicos da cidade, vigilando pela segurança das mais caras franquias ameaçadas. Respirava-se um ambiente pesado de desconfiança e de intranquilidade.

A falta de informações positivas, o curso dos boatos mais desencontrados acerca da marcha vitoriosa ou desastrosa da eclosão revolucionária dos cunhalealistas retrógrados, a arquitectura das mais extravagantes e terroristas hipóteses — tornaram o Pôrto ainda mais nervoso e febricitante. A opinião predominante na maioria dos habitantes contrários a um recuo politico, era a de que o norte não se devia, desta vez, deixar «papar» — termo clássico que teve grande voga. Embora o golpe de Estado vinguisse em Lisboa, o norte não devia acatar as resoluções do sul. No Pôrto e arredores, deviam-se concentrar todos os elementos revolucionários do norte, todos os defensores da liberdade, a fim de resistirem contra a ditadura reacçãoária. Este era o sentir da população civil, que tinha também repercussão em diversos elementos militares.

Grupos de civis preparavam-se para a luta

Na noite de sábado, bem como na de ontem, os grupos civis disseminaram-se pelos pontos mais centrais e estratégicos da cidade, vigilando pela segurança das mais caras franquias ameaçadas. Respirava-se um ambiente pesado de desconfiança e de intranquilidade.

A falta de informações positivas, o curso dos boatos mais desencontrados acerca da marcha vitoriosa ou desastrosa da eclosão revolucionária dos cunhalealistas retrógrados, a arquitectura das mais extravagantes e terroristas hipóteses — tornaram o Pôrto ainda mais nervoso e febricitante. A opinião predominante na maioria dos habitantes contrários a um recuo politico, era a de que o norte não se devia, desta vez, deixar «papar» — termo clássico que teve grande voga. Embora o golpe de Estado vinguisse em Lisboa, o norte não devia acatar as resoluções do sul. No Pôrto e arredores, deviam-se concentrar todos os elementos revolucionários do norte, todos os defensores da liberdade, a fim de resistirem contra a ditadura reacçãoária. Este era o sentir da população civil, que tinha também reperc

SEBROZU

NOBRE SOBRINHO

TOSSE CONVULSA
E' laxativo e espectorante e de sa-
bor agradável.
DEPÓSITO:—Rua de Santa jus-
ta, 45, 2.º—LISBOA.

ROM E BARBAQUIN

BOM E BARATO!!!
oitio de fatos, com bons botões e esmerado acabamento, a 200\$00. Aos operários sindicados 10 % de desconto.

Rua de Campolide, 61
(Última paragem do eléctrico)

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Para as classes pobres
 Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—Ats 4 horas.
 Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 horas.
 Rins, ves biliar—Dr. Miguel Magalhães—2 horas.
 Feto e placentas—Dr. Correia Figueiredo—Il 3 horas.
 Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loef—1 hora e meia.
 Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
 Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—2 horas.
 Ginecologia—Dr. Joaquim de Oliveira—2 horas.
 Audição—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—

"PÓ RODRIGUES"
O melhor destruidor de pulgas,
percevejos, baratas, formigas, etc.
Únicos depositários

em Portugal
Salvador Barata
Limitada
Fabricantes

PARA DESTA INSECTOS
 Este tipo de inseticida é usado para a prevenção
 e para a destruição das pragas domésticas e
 dos lugares frequentados, como: casas, lojas, moinhos,
 armazéns, etc. É muito eficaz e não é tóxico para o
 homem e os animais domésticos.
 LATADE DE 50 grs.

marca 81VOTH
 19A, R. Galvães, 19
 LISBOA
 Telefone C. 3461

É vendida em todas as
 Droguarias, Mercen-
 rias e Lojas de Ferro-
 gens.

AGENTES:
 NO PORTO—Sociedade de Pro-
 dutos Químicos, Lda.
 RUA 51 DE JANEIRO, 171, 1.º
 N.º 171

Aos Marceneiros

Guarnição, filletes e gaveta boa, m...	38
" grade e soco, m.....	12
Cimalhas diferentes feitos, desde m.	15
Maçanetas ameio 1-2-5 desde c.....	12
Balaústres cr. 4-5-6-7-8-9	12

Colunas meza cabeceira, e 285
Madeiras serradas em almofadas e
25 mm 55 e 75 em ouro, amarelo,
cedro, freixo, nogueira, rixo e ma-
cacaúba, m 3, desca- 900
Pinho serrado, 2 fios, 3-45 fios ma-
cacaúba.—Ferragens para moveis.
Cál, areia, cimentos e mosaicos. Preços báto
Remete para a provincia.
Campo dos Mártires da Pátria, 68
— J. FERREIRA —

Depósito Geral de Lanificio
 267 Não tem loja (267
 1.º, 2.º e 3.º) Rua dos anqueiros (1.º, 2.º e 3.º)
Venda directa ao público de CHEVIOTES
 para 17800 cada metro
e FATOS DE FANTASIA
TELA BRICA

deladriños, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.^a
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Assinado: Luis.

viado do rei leu a sua mensagem
profundo silêncio; nas a medida
ra d'este acto, do qual cada pala
uma iniquidade, um ultraje, um p
omuna, o chefe do corpo munic
trocavam entre si olhares em que
amente a cólera, a dôr e a cons

... não tinha ainda podido dar-lhes p...
... com o arceidiogo; e ainda que...
... má vontade do rei, nunca tinham...
... tam flagrante negação dos seus...
... reconhecidos solenemente e i...

admiradores, porque os menos belicosos do coração pular-lhe de indignação e safo lançado à comuna, a este ro-
do do prelado restabelecendo dire-
is uma carta, vendida por dinho

res, porque Luís o Gordo lhes o
assem ao bispo a sua bandeira, o
ro, que demolissem o palácio co
panário! A este campanário, a
leira, símbolos tão amados dum

...filhos preciso tornar a cair debaixo
...legar a seus filhos uma liberdade
...adquirida. Ah! lágrimas de cólera

...atimento! Sim, grande era a cons...



NO PORTO

Contra os divisionistas do Minho e Douro

Numa importante reunião da União Ferroviária foi resolvido combater a acção dissolvente da associação "amarela"

PORTO, 17.—A convite especial dirigido pela União Ferroviária, efectuou-se uma importante reunião de militantes e amigos da organização ferroviária. As salas da colectividade, que sofreram uma profunda transformação, estando mais amplas e mais banhadas de luz—encheram-se literalmente pelos delegados vindos de todos os pontos da linha, representando estações e diferentes serviços deslocados.

Pelas 21 horas, a mesa é composta da seguinte maneira: presidente, Maximino Monteiro, revisor de bilhetes; secretários, respectivamente 1.º e 2.º, Joaquim dos Santos Matos, maquinista, e Manuel José da Silva, fiel na estação de Braga.

É concedida a palavra a João José dos Santos que faz uma clara e sucinta história de todas as fases porque a União Ferroviária tem passado desde que iniciou a primeira greve de 1910. Depois de largamente pôr em relevo o valor e os serviços prestados pela U. F. V. em defesa das regalias da classe que representa e para o seu levantamento profissional, moral e espiritual—refere-se indignadamente a essa campanha odiosa e divisionista que dois inspectores, Raúl Martins e António Ferreira, rancorosamente alimentam no seio dos seus subordinados: dos factores, bilheteiros, chefes, etc. O único fim que os desleais conspiradores do U. F. procuram alvejar, é conseguir os seus desígnios particularistas e fazer medrar a sua tórva capelinha, a traço de "Associação Católica", composta pelos "doutos" gremistas do M. e D., onde agora os defecistas pontificam como directores supremos.

Análise os benefícios que essa associação tem alcançado para o pessoal, que não viu, a não ser a publicação da célebre reorganização que mais tarde o fez desesparar. Traçando a biografia desses dois acérrimos defensores da divisionista associação "católica", dos gremistas classificados de autênticos traidores e fálhos da dignidade e daquele carácter que devem ser próprios dos homens sérios.

Carlos Guimarães, enaltecendo o importante objectivo da reunião, apresenta uma questão prévia pela qual define a interpretação que se deve dar aos trabalhos e a orientação que eles devem seguir. Afirma que a U. F. V. é, e tem de ser, a força colectiva para a defesa da classe ferroviária do M. e D., residindo nela todo o poder moral que deve animar a mesma classe.

Sobre o documento de Carlos Guimarães, falam Francisco José da Silva, contra-mestre das oficinas; Elísio Ferreira de Sousa, chefe da estação de Valongo; e José de Sousa Teixeira, fiel do depósito de pequeno material—todos iniciando os delegados a que defendam os princípios expressos na moção prévia de Guimarães, isto é: a manutenção firme da integridade sindical.

Adriano Augusto Monteiro, chefe da estação de Penafiel, ataca a tarefa divisionista que certos indivíduos se esforçam por manter latente na classe e reputa de infame a acção de determinados superiores. Asseverando que o principal fíto da referida associação "católica", amarela, é guerrear, extensivamente, a U. F. V., pelo que expõe os fins inconfessáveis dos inspectores Martins e Ferreira, afirma que a U. F. V. possui os melhores elementos de carácter, honestidade e intelectualidade. Lembra a conveniência de se avisar aqueles cujos nomes, para armar ao efeito, figuram como aderentes no jornal "dêles", a Voz Ferroviária, a fim de não se deixarem cair, pois no meio dum bando de ladrões não se podem embrenhar criaturas honradas.

Quanto aos mal entendidos que espalham a sua volta referentemente a um decreto que favorece com distinções aqueles que fizeram parte das expedições para a guerra, esclarece suficientemente a assembleia, demonstrando-se que se trata dum má-fé tendente a criar-lhe um ambiente de descrédito. Quem requereu semelhantes benesses foi Manuel Parente. Novo da Cruz, um dos fundadores da aludida associação e que agora se arvora em bandalheiras comediante e exibicionista, como seja apresentar a sua bandeira em todas as fargas comemorativas idênticas à que se efectuou em 9 de Abril. Por si, protesta contra tais benesses.

Raúl José da Silva escarpeliza, desassombradamente, os vis processos dos dissidentes, outro tanto fazendo Martins da Costa. Júlio Fernandes de Carvalho, reportando-se às considerações feitas por Adriano Monteiro, afirma ter sido vigiarizado por Mário Januário Berrêdo, o qual lhe extorquiu 10\$00 por dizer que se destinavam a custear a despesa com uma comissão a Lisboa de que faria parte Adriano Monteiro, elemento da U. F. V.

Carlos Campos, Américo da Costa e Alberto Guedes Osório confessam que igualmente foram no conto do factor Berrêdo, contribuindo por ter dito que a subscrição era em nome da U. F. V.

Elísio Ferreira de Sousa, condena a acção dissolvente dos gremistas. Mário Januário Berrêdo, factor, é um dos elementos componentes da direcção dessa pseudo-associação escarpelizada para se governar.

Adriano Monteiro declara que não faz, nem jamais fará, parte de qualquer comissão que se destine a tal.

É apresentada uma moção assinada por 35 delegados do pessoal de trens, escritórios e estações, que reconhece indispensável extremarem-se os campos. Não deve haver dualidade de critérios: ou pela U. F. V. ou contra ela. O que não faz sentido, o que não é de boa moral sindical, é estar-se, a um tempo, na U. F. V. e na condenável associação católica. Os desta a um lado, os daquela a outro.

Também foi aprovada, por aclamação, mais esta moção:

"Considerando que os povos como as sociedades, estas como as classes e os indivíduos como estas, só se impõem pela moralidade dos seus processos de propaganda, luta e acção;

Considerando que os organismos sindicais do proletariado devem traduzir, plenamente, a tendência dos trabalhadores da indústria não filiados, sob todos os aspectos e em especial sob os aspectos ideológico e moral;

Considerando que o principal objectivo das multidões produtoras organizadas sin-

dicalmente, consiste na elevação do carácter do indivíduo, como homem e como produtor, até ao nível em que a sua acção moral se equilibre com a acção material que tem a desenvolver na defesa e conquista da sua emancipação económica;

Considerando que a consciência do indivíduo nasce da afirmação do seu carácter e da formação deste, que por sua vez se reflecte no meio de que o mesmo é componente;

Considerando que no Minho e Douro a U. F. V. tem consubstanciado o ponto moral da classe, resistindo, continuamente, à desmoralização dos costumes e dos indivíduos, mantendo inalterável o princípio da independência colectiva dos ferroviários, constituindo, por isso, e neste meio, a única garantia de afirmação ideológica e moral da classe;

Considerando que, contrariamente aos pontos da orientação moral da U. F. V., se tem desenvolvido, no seio da classe dos administrativos do M. D., uma acção categoricamente imoral e atentatória da dignidade colectiva;

Considerando que os processos empregados por esse grupo de transfugas da organização sindical, estão já demonstrados pela tendência absorvente de abjeções e calúnias que têm lançado, para servir interesses reservados que mais implica o desprêço;

Considerando que na campanha de ódio, descrédito e insulto que vem fazendo a U. F. V., não existe uma única ideia aproveitável, nem a demonstração do mais elementar princípio de honestidade, os delegados à reunião resolvem:

a) Reconhecer a utilidade moral afirmada pelos processos de honestidade e correção seguidos pela U. F. V., pelo seu órgão na imprensa e seus representantes, por tais processos traduzirem uma inconfundível afirmação de carácter, que impõem a classe ferroviária do M. D. como classe organizada;

b) Convidar todos os ferroviários do Minho e Douro—sindicados ou não, cujo carácter se não tenha subvertido à mercê de conveniências ilegítimas de momento, a repudiarem, por todos os meios ao seu alcance, os "mentores" e concordantes de essa vil campanha imoral que salpica a classe;

c) Salientar a utilidade e conveniência do pessoal administrativo transformar em factos a acção de carácter moral contra essa campanha divisionista, até se reconhecer o seu completo aniquilamento;

d) A conveniência de se desenvolver e activar a propaganda da U. F. V. a fim de se contribuir, eficazmente, para que o carácter do ferroviário se eleve, cada vez mais, procurando formar elementos conscientes que dignifiquem o meio impondido a classe, sob base de equidade;

e) Que seja tomada a base fundamental de concepção sindicalista, de que toda a acção contrária à U. F. V. se torna estéril e prejudicial à organização;

Depois de tratados outros assuntos atinentes ao robustecimento das delegações e a um maior desenvolvimento de propaganda à linha, esta importante reunião de militantes e amigos da organização ferroviária terminou, já madrugada alta, com uma saudação aos ferroviários do Sul e Sueste.—C.

Sapateiro

Oficiais de obra de criança precisa—Rua Pinheiro Chagas, 41 (ao Matadouro).

O movimento grevista na Grécia

Só agora acabou uma grande sucessão de greves que durante uma semana se mantiveram. Mais de 15.000 empregados ferroviários e electricistas (os dois grupos operários mais importantes deste país ainda atrazado na indústria) tinham declarado a greve, porque o Estado por razões de economia despedira 1.500 ferroviários.

A greve terminou sem se obter qualquer sucesso. É fácil de explicar o resultado desfavorável, quando se souber a situação extraordinária em que a Grécia se encontra actualmente, devido ao facto de mais dum milhão de refugiados da Ásia Menor, terem vindo procurar asilo neste país e em condições mais do que lamentáveis.

Na Grécia sempre se tiveram graves apreensões quanto à influência que estas massas exerceriam nas condições de trabalho; eis, com efeito, o triste caso que se deu desta vez, vendo-se um grande número de refugiados, impelidos pela mais negra miséria, irem oferecer os seus serviços aos capitalistas para que a greve ficasse fracassada.

Esta é sustentada pela União dos Transportes de Amsterdã e pela Internacional Sindical de Moscova.

Contra o horário de trabalho

Nas Companhias Reunidas de Gás e Electricidade

Comunicam-nos ter sido ontem dada ordem nas oficinas da Companhia de Gás e Electricidade para o pessoal passar a trabalhar 10 horas por dia.

Por várias vezes tem a Companhia pretendido fazer esse atropelo ao horário normal de oito horas, mas o seu pessoal sempre tem sabido repudiar tal pretensão.

Mas a ordem dada ontem é de despedimento imediato para quem não esteja disposto a acatá-la. Em face desta atitude é necessário que os operários respondam desta vez com mais energia que das outras, para que o horário seja mantido.

Porque defendendo os 8 horas dão uma resposta condigna à atitude reacçãoária da Companhia, dando esta rigorosa ordem no dia seguinte à derrota das forças conservadoras, que pretendiam a conquista do poder para estabelecerem uma mais feroz exploração.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Operários de Calçado, Couros e Peles do Porto

Em reunião do conselho técnico do Sindicato do Calçado, Couros e Peles do Porto, foi apreciada a situação económica da classe. A pretexto da crise de trabalho as industriais de sapataria cortaram nos salários o aumento de 25% nos preços de mão de obra que vigorava desde Setembro do ano passado.

O sindicato decidiu exigir de novo o pagamento desses 25%, para o que já enviara aos industriais reclamatórias, cujo prazo de resposta terminou ontem, dia em que a classe devia ter reunido para tomar resoluções.

Na pretérita quinta-feira realizaram-se sessões em quatro bairros, todas elas muito concorridas, tendo sido distribuído um manifesto justificando a reclamação e condenando o regime de trabalho de empreitada.

Os operários da Construção Naval do Porto e Gaia deliberaram dividir o trabalho

VILA NOVA DE GAIA, 18.—Entre os operários da Construção Naval verificavam-se grandes desigualdades nas condições de trabalho.

Dando-se o caso de o trabalho actual, nos estaleiros das duas margens do rio Douro, não ser suficiente para todos os operários da indústria, reconheceu-se necessário ratear entre todos o trabalho existente, para obstar ao facto, pouco humano, de haver operários com trabalho permanente, enquanto a maioria não o conseguia durante semanas e mesmo meses.

Isto levou uma comissão administrativa do sindicato a convocar uma assembleia magna da classe para se ocupar do assunto.

O critério da divisão do trabalho foi aceite com entusiasmo pela classe, exceptuando os que gosam de situações privilegiadas.

Como os mestres não quizessem permitir essa justa pretensão dos operários da indústria, resolveram estes reclamar o cumprimento das suas decisões ou que os trabalhos fossem entregues ao seu conselho técnico, devendo os mestres reunir em breve para apreciar estas reclamações.

Corticeiros de Aldegalaga

Reuniram em assembleia geral os operários corticeiros nomeando uma comissão para entrevistar os industriais que baixaram os salários. Esta comissão obteve que essa baixa se não mantivesse.

Dois traidores, que se encontravam trabalhando na fábrica Beatriz, foram forçados a retirar, tendo ido queixar-se às autoridades. Resolveu-se abandonar a fábrica se eles voltarem a trabalhar nas mesmas condições.

Um delegado da Federação, que estava presente, referiu-se, exaltando-o, ao gesto dos corticeiros do Seixal.

A direcção do sindicato pede aos operários da indústria que não vão trabalhar para aquela localidade, sem, previamente, a consultarem.

A situação alarmante dos mobiliários de Coimbra

COIMBRA, 17.—O que se está passando adentro da Penitenciária é atentatório do direito e da justiça.

Os desgraçados presos não podem continuar a ser tam infamemente explorados, principalmente os que trabalham na oficina de marcenaria.

E para provarmos o que deixamos escrito, basta citar o facto de uma pequena e simples mobília ali manufacturada ficar em mão de obra aproximadamente em trezentos escudos, enquanto por qualquer operário que tire o salário suficiente para se alimentar, fica em mil e tal escudos!

Pois se os presos ganham consoante o regulamento da Penitenciária, que só lhes permite auferir de \$30 a \$60 centavos e muito raramente 1 escudo!

Entretanto, a "sombra desta exploração, os arrebatamentos vão ganhando rios de dinheiro, vendendo mais barato, o que faz com que vá desaparecendo a pouco e pouco a indústria particular, com prejuizo dos operários desta indústria que não têm oficinas onde trabalhar, tornando-se a crise de trabalho maior.

—O grupo dos operários de mobiliário que anda empenhado neste combate aos tiranetes e exploradores da Penitenciária, convida todos os operários desta indústria a reunir no local do costume.—C.

1.º DE MAIO

U. S. O. do Porto

Reuniram na passada quinta-feira os delegados, direcções de sindicatos e comissão promotora das comemorações do 1.º de Maio.

Resolveu-se que a U. S. O. publicaria um número único de um jornal, cuja venda deverá ficar a cargo das direcções de sindicatos, devendo ser levado à província pelos delegados que saírem. Resolveu-se ainda promover a venda dos postais pró-auxílio ao povo—espanhol, adquirindo o delegado da Carris, já, 200 exemplares.

U. S. O. de Portimão

Resolveu a U. S. O. de Portimão elaborar, de acordo com os sindicatos aderentes, o programa da comemoração do 1.º de Maio. Para o efeito vai pedir delegados à C. G. T. e Federações Marítima, da Construção Civil e de Conservas.

Corticeiros de Aldegalaga

A direcção do sindicato dos Corticeiros de Aldegalaga resolveu comemorar o 1.º de Maio, tencionando pedir a presença de delegados da C. G. T. e da Federação Corticeira para esse efeito.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor, a 1000. Consulta especial das 10 às 2. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

Conferência Inter-Sindical do Porto

Explicação prévia

A Comissão Administrativa cessante da U. S. O., durante a sua administração, verificou o estado caótico e raquítico dos organismos da localidade, com tendências a piorar cada vez mais e, por esse facto, acordou em realizar uma conferência inter-sindical na cidade, como factor de reacção e impulsão, reunindo nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontrem afastados da organização sindical.

Para tal fim convidou os secretários gerais dos sindicatos aderentes e os dos comités federais. Desta reunião saiu uma grande comissão de dez membros que se desdobrou em comissão e sub-comissão. A primeira encarregar-se-ia da elaboração dos trabalhos, e a outra da propaganda a desenvolver no Porto e arredores.

A grande comissão trabalhou assiduamente a princípio, acabando por se tornar inactiva, afinal, já, por afastamento de alguns elementos, motivo que desconhecemos, já por ausência de outros, nas suas reuniões e os restantes dois ou três, que se julgaram incompetentes de realizarem uma reunião de tal natureza, pediram a sua demissão.

Em face disto, resolveu a comissão administrativa encarregar-se de levar à prática. Embora animada de optimismo para que ela fosse efectuada em fins de Janeiro p. p. não pôde ser corado de bom êxito aquilo que concebera, posto que desenvolvesse a sua acção e fizesse os melhores esforços para o conseguir.

Um dos elementos que mais concorreu para o seu retardamento, foi e é a acumulação de cargos, por falta de elementos capazes de os desempenharem.

Por outro lado, a crise de trabalho que ameaçava tornar-se, dia a dia, mais formidável, prendeu, por consequência, a atenção da U. S. O. e a dos organismos afectados, e mesmo a daqueles que esperavam a cada momento serem atingidos também por esse vendaval social, inato em regime apatista.

Agora que a tempestade abrandou um pouco e a comissão administrativa terminou o seu mandato, dar-lhe há margem z desenvolver mais e melhor a sua acção, ficando, desta data até à realização da Conferência, a designar-se por Comissão Organizadora. Empregará o máximo do seu esforço e dos seus recursos para que a reunião seja um facto em breve.

Aceitou como bons os trabalhos já iniciados pela anterior Comissão, que equivale a dizer que seguirá a mesma orientação, unicamente com pequena alteração de alguns trabalhos.

* * *

Vem esta explicação, muito indispensável, a propósito do transparente desânimo e desgosto que vinhamos notando em vários elementos do movimento sindical citadino, chegando, logicamente, a descer da sua efectivação, pela demora que vem sofrendo.

Injúngamos, porém, ser esta resenha o tónico suficiente que os fortalece e lhes dará a confiança que tinham, por momentos, perdido, com respeito a essa jornada imprescindível, no momento em que a reacção fortemente se prepara para implantar pela violência e pelo crime, uma nova época de terror em Portugal, a semelhança de Espanha, Itália, Polónia, Bulgária, etc.

Quanto ainda a crítica, aliás justa, de que a comissão não fazia a necessária propaganda pela imprensa, diremos que assim se não procedeu devido a ela não estar de posse de parte dos trabalhos que a habilitassem a realizar a Conferência, mercê das camaras das não apresentarem as suas teses como se comprometeram, bem como no tocante às adesões que se faziam por conta-gotas.

—O contrário, agora, a comissão regista com satisfação as adesões constantes, muitas outras sendo necessárias ainda.

* * *

A Conferência terá a maior amplitude possível, pois nela tomarão parte não só os delegados directos como também todos os militantes que ela desejem assistir, com permissão de discutirem os trabalhos que a mesma forem apresentados, desde que o participem ao sindicato e este, por sua vez, o transmita à Comissão Organizadora.

Conscia de bem servir a Organização Sindicalista Revolucionária, trabalhando para o seu robustecimento com a cooperação de todos os camaradas dedicados, faz um caloroso apelo aos organismos que ainda não deram a sua adesão, e embora não sejam aderentes à U. S. O. local, a fazerem-no o mais breve possível.

Para terminar a Comissão cita que não apresentará tese alguma da sua autoria, nem incluirá nas distribuições a vários camaradas de reconhecida competência, somente com a epígrafe, é claro, e sobre a qual incidirá a elaboração das suas considerações e conclusões, tese alguma referente à adesão a qualquer das Internacionais existentes, para que a Conferência, com o carácter fundamental de robustecer e engrandecer a Organização, não redundasse em desorganização.

Eis a de satisfação que a Comissão entendeu ser devedora aos organismos e aos militantes da cidade do Porto e seus arredores, ficando por este meio iludidos da marcha dos trabalhos até à data realizados.

Porto, 17 de Abril de 1925.—A Comissão Organizadora—Júlio de Campos, Manuel Ardions, António T. de Carvalho, João Lázaro, Ribeiro Dias.

A'manhã daremos nota das adesões com que já conta a Comissão Organizadora.

OS MISTÉRIOS DO POVO

ACABA DE APARECER A

6.ª SÉRIE DE 10 TOMOS

DESTA MAGNÍFICA OBRA

HISTÓRICA DO ESCRITOR

EUGENE SUE

ACEITAM-SE ASSINATURAS PARA

ESTE ROMANCE, AO PREÇO DE

5\$00 POR CADA SÉRIE DE 10 TOMOS

Os espíritos negros!

É necessário que os estudantes liberais combatam o jesuitismo

Parece que depois da República estar implantada, devam ter desaparecido as razões para recearmos aqueles a que eu chamo os espectros negros e que são nem mais nem menos sob a alcinha de Companhia de Jesus! Mas infelizmente assim não acontece!!!

Camaradas! Dêem-se ao trabalho de os procurar nas diversas camadas sociais e em todas os encontros, embora disfarçados. E' o militar reacçãoário e beato que admira a sua força, e o professor que enaltece a sua ciência, e o burguês que recorda e é o operário que se diz conservador!

O perigo é enorme e está iminente! Vejam por exemplo o que aconteceu há pouco na Academia! Os quintanistas de Direito, no meio dum farçada grotesca e vil, foram mendigar à padralhada uma bênção para as suas pastas!

Que imensa vergonha nós, os estudantes livres pensadores, sentimos ao pensar que foram camaradas nossos que tal fizeram! O que dirão os elementos, ainda vivos, dessas gerações académicas que tão brilhantemente advogaram o Pensamento Livre em Coimbra e em Lisboa?

Vergonha! Sabujice! Miséria! E' preciso que se inicie o ensino liberal nas escolas, para que os futuros académicos saibam honrar as tradições do trajo que usam!

Urge fazer-se a guerra aberta ao Jesuíta, monstro venenoso—hidra pestilenta que rouba a luz ao cérebro dos fracos que lhe caem nas garras.

Que ao pé de cada Igreja, se erga uma tribuna onde o livre pensador clame os seus direitos! E' nosso dever patentear a verdadeira Luz ao Povo!

Destruamos as religiões baseadas na crença e fundemos uma nova e sã moral que provenha do raciocínio sã e liberto!

Ergamos todos o pendão glorioso da Liberdade e olhando para ele, combatamos os nossos mortais inimigos: o reacçãoarismo, a crença e a tirania!

VOGHI-SOMEL

Estudante

'A Batalha' na provincia e arredores

Lagos

Um julgamento.—Gesto simpático dum operário

LAGOS, 17.—Efectuou-se ontem o julgamento de uma rapariga chamada Felisbela, acusada por seu antigo patrão, Jacques Florêncio, de lhe ter furtado vários objectos, que depois reouve.

A-pesar de da insuficiência da prova e da pouca idade da ré, foi esta condemnada, talvez por não ter posses para remunerar um advogado, a 30 dias de prisão correcional, remeis a um escudo por dia, custas e selos do processo.

Ante o desespero da rapariga, o operário José Viana propôs que se fizesse uma subscrição para pagar as despesas do processo, no que prontamente foi apoiado pela assistência, indignada com a sentença.

Deste modo pôde a pobre rapariga voltar para a sua terra.—C.

Ponte do Sor

O preço do pão

PONTE DO SOR, 17.—Saiu em três de março p. p. um decreto sobre o pão; agora em abril surge outro fixando os tipos e preços, mas nesta localidade nada disso é conhecido. O pão aqui, há muitos meses que se conserva ao preço de 2\$50, o de 2.ª qualidade, mas muito ordinário.

A população parece não ter ainda reparado que a roubam.

Um boato agradável...

Tem ultimamente corrido boatos de que o soba Sabino Fontes ia sair do cargo com o que muitas pessoas mostram plena satisfação, mas esses boatos não se confirmam.

Caça aos votos

Nesta localidade têm alguns vultos burgueses andado à caça de votos, sabendo nós que têm feito favores a alguns desgraçados com a condição de em troca darem voto.—C.

Uma ótima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénie Sue «Os Mistérios do Povo» que revela a história dum família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

EM LAGOS

CRIANÇAS ESCRAVIZADAS

Operários que desrespeitam o horário de trabalho e consentem desumanidades contra garotos

LAGOS, 17.—Alguns operários da Construção Civil estão trabalhando horas supletórias, enquanto outros lutam com a falta de trabalho.

Também numa oficina de serrallaria há operários trabalhando 12 e 14 horas por dia, havendo na mesma crianças que sofrem uma desumana exploração, trabalhando grandes pesos e auferindo o ridículo salário de 1\$50 por dia.

Há dias foi despedido dum desses garotos por se ter recusado a fazer serviços que as suas forças não comportavam.—C.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje, pelas 20,30 horas, para assunto urgente.

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 20,30 horas:

COMUNICAÇÕES

Sindicato U. da C. Civil.—Secção Sindical de Belém.—A assembleia geral que hoje se devia efectuar, fica transferida para data que oportunamente se comunicará aos sócios.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Impressores Tipográficos.—Pelas 20 horas toma posse a nova direcção. S. U. Metalúrgico.—Os cobradores devem ir hoje à sede, das 17,30 às 20 horas, prestar as suas contas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

S. U. C. Couros e Peles do Porto.—Reúne hoje o conselho técnico.

Amanhã reúne a assembleia geral para leitura do parecer da comissão revisora de contas, relativo ao 2.º semestre do ano findo, apresentação das contas relativas ao 1.º trimestre do ano corrente, instituição de uma escola de instrução primária e deliberação sobre o cartão sindical.

Corticeiros de Vendas Novas.—Reuniram em assembleia geral resolvendo que a direcção procure obstar às anomalias verificadas com o movimento da casa Wicander, do Seixal. Foram eleitos os seguintes novos corpos gerentes: direcção: José Henrique Romão, presidente; Joaquim Nodau, secretário; Joaquim Marques, tesoureiro; António Nodau e Manuel Carreira, vogais; assembleia geral: Joaquim Pimenta e Manuel Ferro.

S. U. O. de Portimão.—Reuniu no dia 14. Leu-se um ofício dos Estivadores acreditando como delegados João Gonçalves Pires, Francisco da Costa e Francisco dos Reis. Aproveitou-se a tese a enviar à Conferência Inter-Sindical do Algarve. Apreciação a conduta de vários elementos dos Estivadores nomeando-se, para ir junto deles, uma comissão composta por delegados dos Estivadores, Manufactores de Calçado e C. Civil.

Resolveu-se não auxiliar indivíduos que se digam perseguidos, que não comprovem sê-lo, não apresentando documentação.

Mais resolveu tomar conta do caso passado entre a Companhia Lusitana de Conservas e o pessoal do seu cerco, ao qual não são pagas as soldadas há 6 meses, indo officiar à C. G. T. e ao